

RESIDÊNCIAS PAULISTANAS ENTRE AS GRANDES GUERRAS

CLARA CORREIA D' ALAMBERT DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL

Arquiteta especializada em preservação do patrimônio cultural, museógrafa e pesquisadora. Mestre e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Atua como arquiteta da Divisão de Preservação do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura.

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0iesp22p271-285>

RESIDÊNCIAS PAULISTANAS ENTRE AS GRANDES GUERRAS

CLARA CORREIA D'ALAMBERT

RESUMO

O texto tem como referência o estudo elaborado para a tese de doutorado relativa ao panorama da arquitetura residencial paulistana nos anos 1920 e 1930 – período conhecido como Entreguerras. Fora as residências e palacetes projetados para a elite paulistana por profissionais de renome e as habitações operárias e construções de uso misto, houve naquela época o surgimento de manifestações arquitetônicas residenciais provenientes da expressão da classe média da população que, pela sua alta incidência, tiveram presença marcante na paisagem urbana da capital paulista. Hoje, as residências remanescentes desse período compõem o patrimônio ambiental urbano da cidade. Essas casas são bens culturais significativos, pois mostram o estágio tecnológico e cultural alcançado por aquele grupo social, revelando também os costumes, as técnicas e os gostos estilísticos em voga. Assim, a partir da análise de uma amostragem representativa de projetos residenciais guardados no Arquivo Geral da Prefeitura de São Paulo, o estudo caracterizou a arquitetura predominante das residências de classe média, com foco nas inovações técnico-construtivas e suas implicações na melhoria da qualidade construtiva; nas soluções programáticas surgidas na época; e no repertório formal e estilístico daqueles anos – o neocolonial e depois o *art déco* – além de outras formas de expressão arquitetural, de caráter personalista.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura paulista. Edifícios residenciais. Patrimônio ambiental urbano.

RESIDENTIAL ARCHITECTURE IN SÃO PAULO BETWEEN WORLD WARS

CLARA CORREIA D' ALAMBERT

ABSTRACT

The present text was prepared for a doctoral thesis about the panorama of residential architecture in São Paulo during the 1920s and 1930s, the period between the two World Wars in the 20th century. Apart from residences and palaces designed by renowned professionals for the elite in São Paulo, and the proletarian homes, this period saw the appearance of residential architectural manifestations based on expressions by the middle class, which had a large presence in the urban landscape of the city. Today, the remaining homes of that period make up the urban environment heritage. Those houses are significant cultural assets because they show the technological and cultural stage reached by a specific social group, also revealing prominent customs, techniques and stylistic tastes. By analyzing a representative sample of residential projects stored in the São Paulo's City Archive, the study characterized the predominant architecture of middle-class home's focusing on technical and constructive innovations, as well as its implications in improving building quality, on programmatic solutions arising at the time, and on the formal and stylistic repertoire of those years (neocolonial and later Art déco), as well as other forms of architectural expression with personal character.

KEYWORDS

São Paulo architecture. Residential buildings. Urban environment heritage.

1 INTRODUÇÃO

A produção arquitetônica residencial da cidade de São Paulo no Entreguerras apresentou como principal característica uma grande multiplicidade de configurações formais e estilísticas, como ainda pode ser observado entre os exemplares remanescentes do período. Quando analisadas e comparadas lado a lado, as casas construídas na época aparentemente têm muito pouco em comum, a não ser o fato de que todas elas compartilham do mesmo programa original, ou seja, se constituem em edificações de cunho residencial. Entretanto, a primeira similitude entre essas casas é o momento histórico. Apesar das fachadas diferenciadas e dos volumes variados e, em alguns casos, até contrastantes, todas elas são contemporâneas e foram construídas nas décadas de 1920 e 1930, um período balizado pela ocorrência de dois dos maiores conflitos mundiais do século XX – a Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, e a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945.

Outra semelhança perceptível é a sua identidade tipológica específica – são casas comuns, de classe média, realizadas anonimamente, e que pela sua alta incidência tiveram presença marcante na paisagem urbana e na constituição de vários bairros paulistanos nas primeiras décadas do século XX. Outro ponto a destacar é o emprego da mesma técnica construtiva na execução dessas edificações, ou seja, a continuidade do uso estrutural da alvenaria de tijolos, que, em alguns casos, aparece aliado a estruturas de

concreto, como vigas e lajes. Além disso, essas residências, quando analisadas no seu conjunto, compõem um universo de edificações até hoje pouco notado e, por conseguinte, pouco estudado e pouco valorizado pela historiografia da arquitetura paulistana.

Em uma primeira abordagem, isso pode ser atribuído ao fato de que essas casas não apresentam um interesse social explícito, como o que acontece com as casas simples autoconstruídas, com as vilas operárias ou com os cortiços, que constituem, via de regra, construções de grande apelo como temas de pesquisas e de estudos aprofundados sobre os modos de morar das camadas mais carentes da sociedade. E também porque essas casas de classe média não possuem um excepcional valor arquitetônico ou artístico que as distingam individualmente, como acontece com alguns palacetes e residências das classes mais abastadas.

O que se pode dizer é que esses dois grupos tipológicos de habitações, relativos a dois grupos socialmente muito distintos, situados em posições contrapostas na escala social, são, em geral, alvos de grande interesse dos pesquisadores, sendo estudados à exaustão em relevantes trabalhos acadêmicos. Como exemplo, podemos citar as pesquisas sobre a Vila Economizadora (BONDUKI, 2014) e a Vila Maria Zélia, entre outras, e os impecáveis trabalhos da historiadora Maria Cecília Naclério Homem (HOMEM, 1996), sobretudo os relativos aos palacetes do bairro de Higienópolis.

Contudo, é necessário destacar aqui que nos anos de 1920 e 1930 ocorreu um fenômeno inusitado, do ponto de vista arquitetônico, que foi o surgimento espontâneo de manifestações residenciais provenientes da expressão de estratos médios da população paulistana. Hoje, esse valioso acervo de edificações - que subsistiram ao tempo e à fúria avassaladora e demolidora da especulação imobiliária - compõe também o patrimônio ambiental urbano de São Paulo.

Essas construções residenciais podem ser consideradas bens culturais significativos, pois mostram o estágio tecnológico e cultural alcançado por aquele grupo social, revelando seus costumes, seus modos de morar, as técnicas construtivas empregadas e, sobretudo, os gostos estilísticos em voga na época.

Assim, o foco da pesquisa desenvolvida para a elaboração da tese *Manifestações da Arquitetura Residencial Paulistana entre as Grandes*

*Guerras*¹ se concentrou na caracterização dos partidos residenciais paulistanos dessas habitações através da identificação das suas alterações programáticas e construtivas e da explicitação das questões relativas às mudanças de gosto e à apropriação de novas soluções arquitetônicas e linguagens estilísticas surgidas neste período marcado historicamente pelas duas Guerras Mundiais.

É fundamental ressaltar que as condições econômicas, sociais e culturais vigentes em São Paulo até o início da Primeira Grande Guerra foram muito modificadas depois de 1918 (MORSE, 1954). Isto significa dizer que, do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, a cidade eclética, de alvenaria de tijolos, do ecletismo “italianizante” de inspiração neorrenascentista, surgida a partir do terceiro quartel do século XIX, se alterou progressivamente no período posterior à Primeira Guerra Mundial (FABRIS, 1987). Com o início da guerra, em 1914, a economia paulistana se retraiu sensivelmente, devido, sobretudo, à diminuição da exportação do café. Concomitantemente, a importação de produtos europeus foi interrompida provocando desabastecimento - que era suprido parcialmente pelos Estados Unidos. Como consequência dessa situação internacional, o número de construções em São Paulo caiu drasticamente, impactado pelo aumento abusivo dos preços dos materiais de construção e de acabamentos, quase todos importados, com exceção dos materiais cerâmicos, tijolos e telhas, que já eram produzidos em grande escala na cidade. Somente a partir do armistício de 1918 é que o ritmo de crescimento econômico começou vagarosamente a se recuperar e, aos poucos, São Paulo foi retomando o seu nível de urbanização e iniciando o seu processo de metropolização. Durante os anos 1930 ocorreu o grande *boom* do setor industrial paulistano. No final daquela década a capital paulista se transformou no maior centro industrial da América Latina, devido ao expressivo desenvolvimento da indústria local. Paralelamente à industrialização, foi se desenvolvendo a função comercial e de serviços na cidade, ao mesmo tempo em que se acentuou a sua preeminência política, administrativa e cultural no cenário nacional.

1. Seguindo a temática da “Habitação como objeto de pesquisa”, este texto tratará sobre uma exaustiva pesquisa desenvolvida no início dos anos 2000 e que resultou na tese de doutorado: ALAMBERT, Clara Correia d’. Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as grandes guerras. São Paulo, 2003, FAU-USP.

FIGURA 1

Créditos das fotos:
Clara C. d'Alambert
(2003).



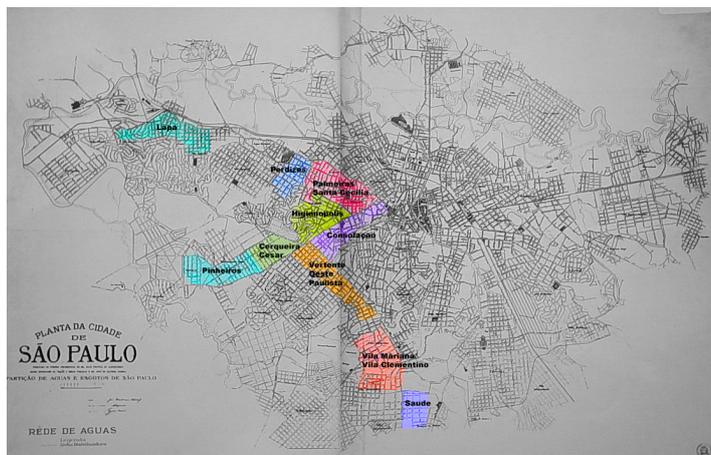
2 O ESTUDO

Nas três primeiras décadas do século XX, a sociedade paulistana se transformou rapidamente com a incorporação do elemento estrangeiro, que ingressava maciçamente na cidade desde o último quartel do século XIX. Nos anos 1930, os estrangeiros e seus descendentes já eram aceitos com mais espontaneidade, sendo paulatinamente absorvidos na estrutura social existente através de um amplo processo de miscigenação que criou novos valores, nos quais se amalgamavam elementos das duas culturas, a nativa e a estrangeira. É certo também que esse incremento de população imigrante ajudou a formar e a definir os estratos médios da “nova” sociedade paulistana ao exercer atividades ligadas ao comércio, serviços e indústria e a aumentar a demanda habitacional na capital paulista.

Por questões metodológicas definidas de antemão para a elaboração da tese, foi estabelecido que o intervalo da pesquisa se estendesse de 1923 até 1936, abrangendo um total de 14 anos; período este que foi considerado suficiente para que os fenômenos arquitetônicos que se desejava estudar no trabalho se manifestassem na sua plenitude. Outro ponto relevante para o desenvolvimento do estudo foi o extenso levantamento realizado nos processos de aprovação de construções residenciais, hoje sob a guarda do Arquivo Geral da Prefeitura. Esses processos constituem um material de grande valor documental e uma fonte de informação riquíssima e preciosa pela quantidade de dados que podem fornecer a um pesquisador. Na documentação interna desses processos constam, em geral, pareceres dos técnicos que analisaram o projeto; exigências sobre adequações à legislação em vigor; memoriais descritivos; material gráfico como implantação das edificações, plantas, cortes e fachadas; e, às vezes, até memórias de cálculo e projetos estruturais. A partir desse material é possível obter, por exemplo, a datação do projeto, a identificação do autor, do responsável pela obra, do proprietário original, o endereço da edificação, as técnicas construtivas empregadas, a relação dos materiais utilizados na obra civil e nos acabamentos, e, sobretudo, analisar os desenhos arquitetônicos constantes nesses processos. Dessa forma, na execução do trabalho em si, além do levantamento e análise minuciosa desses processos de aprovação de construções residenciais, foram realizadas simultaneamente uma ampla pesquisa bibliográfica e uma vasta documentação fotográfica dos exemplares residenciais ainda existentes em diversos bairros paulistanos.

FIGURA 1

Mapa com o perímetro dos dez bairros sorteados das zonas Oeste, Sudoeste e Sul. Fonte: Planta da Cidade de São Paulo (1928)/ Repartição de Águas e Esgotos de São Paulo



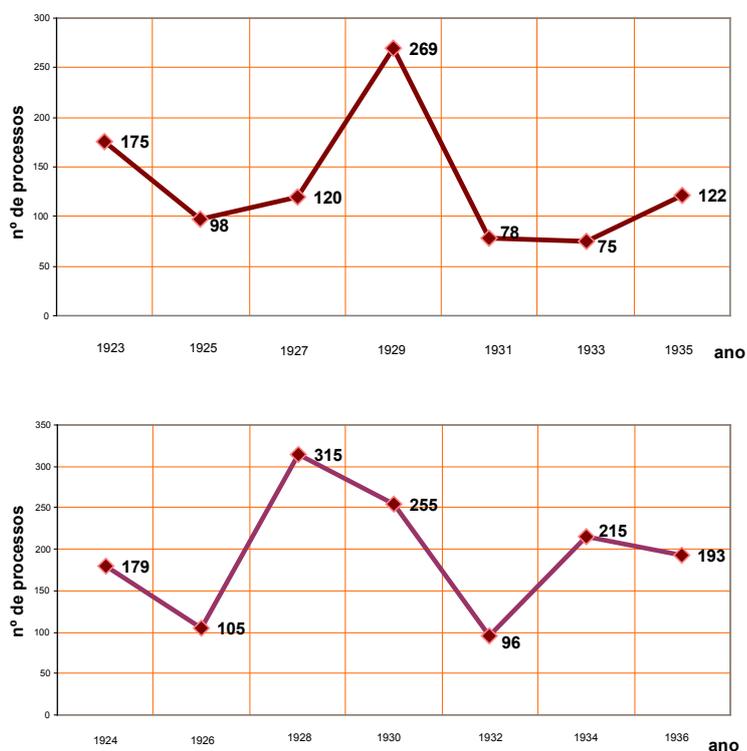
Diante da impossibilidade prática de levantamento de todo o universo de projetos residenciais executados em todos os bairros de São Paulo no período definido para a pesquisa foi que surgiu a ideia de utilizar instrumentos estatísticos e de informática para estabelecer uma amostragem representativa dessas edificações. Do ponto de vista científico, a amostragem é um meio seguro e eficaz de reduzir o número de elementos do estudo sem comprometer a integridade e nem a compreensão da totalidade do conjunto. Por este motivo o estudo teve a assessoria e a orientação permanente de um estatístico habilitado, e contou com a supervisão de uma professora livre-docente especializada em amostragem, ambos profissionais da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

Assim, o primeiro passo do trabalho foi identificar em quais áreas da cidade predominava o uso residencial de classe média tomando como base a evolução urbana de São Paulo e o estudo do modo de ocupação dos bairros paulistanos existentes no início do século XX por meio de cartografia histórica. Pela análise dos mapas consultados eram perceptíveis algumas preferências locais ocorrendo nas novas áreas de expansão da cidade, principalmente nas porções Oeste, Sudoeste e Sul, que abrigavam muitos bairros de classe média. Isto revelava uma clara relação entre a ocupação urbana e a estrutura social paulistana existente naquele momento.

Essa relação era determinada principalmente por fatores de ordem econômica, como a capacidade financeira de cada classe social de adquirir lotes para a construção de suas moradias. A partir dessa constatação, foram

FIGURA 2

Curvas mostrando o número de Processos de Construções Residenciais levantados por Ano nas ruas das Zonas Oeste (937 processos) e Sudoeste/Sul (1.358 processos).



listados 20 bairros localizados nessas regiões para a primeira amostragem de 10; no Grupo I, foram selecionados cinco bairros da Zona Oeste e no Grupo II mais cinco bairros localizados na Zona Sudoeste/Sul².

O passo seguinte do trabalho foi a delimitação do perímetro de cada um dos 10 bairros selecionados e, depois, a elaboração de uma listagem que resultou em 391 ruas contidas dentro desses perímetros. Após isto, foi realizada uma segunda amostragem para escolher as 130 ruas que seriam objeto de pesquisa no Arquivo Geral. O trabalho no Arquivo Geral da Prefeitura de São Paulo teve início com o levantamento das fichas de todos os processos de construções residenciais aprovados nas ruas sorteadas dentro do período de 1923 a 1936. Ao fim desse levantamento foram identificadas 2.295 fichas

2. Os bairros sorteados do Grupo I / Zona Oeste foram: Consolação, Higienópolis, Palmeiras / Santa Cecília, Perdizes e Lapa; e, os selecionados do Grupo II / Zona Sudoeste / Sul foram os seguintes: Cerqueira César, Vertente Oeste da Avenida Paulista, Pinheiros (lado dos Jardins), Pinheiros, Vila Mariana / Vila Clementino e Saúde.

de processos relativos à construção de habitações, que se tornaram, então, objetos da terceira e última amostragem. O resultado foi uma lista com 573 processos selecionados para inventariação³.

Para cada imóvel foi elaborada uma ficha, na qual constavam dados gerais sobre o processo e sobre a edificação. As informações constantes nas fichas foram complementadas com uma documentação fotográfica das plantas, cortes e fachadas das edificações. A sistematização das fichas foi feita com a criação de um banco de dados informatizado, o que permitiu uma grande agilidade na recuperação, cruzamento e superposição das informações, possibilitando também a realização de tabelas, listagens e gráficos com os dados cadastrados. Desse modo, a partir da análise pormenorizada dos projetos sorteados na pesquisa, em paralelo com o estudo das residências remanescentes do período, foi possível comprovar a ocorrência de um fenômeno caracterizador da arquitetura residencial dos anos 1920 e 1930 em São Paulo, que foi o surgimento de singulares manifestações arquitetônicas provenientes da expressão dos estratos médios da população paulistana.

Do ponto de vista técnico-construtivo, foram poucas as alterações que ocorreram nessas habitações até o final da década de 1920. Nessa época, o emprego de estruturas de concreto armado em residências paulistanas era pouco habitual, limitado em geral a terraços e a lajes de piso de banheiros localizados no pavimento superior. O alto custo do cimento e das barras de aço dificultava a vulgarização do uso residencial do concreto armado. Somente a partir do início dos anos 1930 é que o uso de estruturas de concreto armado começou a se generalizar nas casas de classe média com o barateamento das barras

3. Notar na figura 2 a semelhança entre as duas curvas que indicam a variação do número de novas construções nas zonas Oeste e Sudoeste/Sul da cidade de São Paulo durante o período estudado. As duas curvas foram elaboradas a partir do levantamento do número total de processos de projetos residenciais apresentados para aprovação da Municipalidade nas ruas sorteadas dos bairros selecionados nas duas zonas pesquisadas. Entre 1923 e 1926 percebe-se nas duas curvas o decréscimo do número de novas construções como decorrência provável da turbulência política que culminou na Revolução de 1924. Em meados da década de 1920, as curvas se tornam ascendentes denotando o crescimento do nível de construção de moradias na capital paulista. A partir de 1929 nota-se um acentuado declínio das curvas, talvez consequência direta do adverso contexto econômico (crise causada pelo crack da Bolsa de Nova York) e político (Revoluções de 1930 e 1932) vigente na época. Após a Revolução Constitucionalista, há uma retomada do nível construtivo na cidade de São Paulo, que pode ser percebida no progressivo aumento do número de novas casas em ambas as zonas.

de aço a partir da instalação da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, e do cimento, com a implantação da Companhia Brasileira de Cimento Portland, em Perus. As cintas de amarração, as lajes e as vigas de concreto armado estavam sempre vinculadas à alvenaria de tijolos autoportante. Eventualmente, o concreto armado era usado na confecção de elementos de composição de fachada, como frisos salientes em balanço.

Nos anos 1930, a indústria da construção começou a produzir vários tipos de janelas de ferro: de correr, de bascular, de pivotar etc. Com um *design* mais moderno, esses novos caixilhos foram muito usados nas salas, cozinhas e banheiros das residências construídas na época. Para os dormitórios surgiu a novidade das janelas com venezianas de correr ou de contrapeso, que possibilitavam o controle da luminosidade interna dos cômodos de dormir e a ventilação permanente.

Quanto ao programa de necessidades, as novidades atingiram fundamentalmente as habitações de classe média paulistanas, que, naquele momento, se diversificaram em partidos distintos de acordo com o poder aquisitivo de seus proprietários. Assim, foi possível distinguir no estudo, as casas de classe média baixa, as de classe média média e as de classe média alta, com visíveis diferenças em suas plantas com relação à especialização e à sobreposição de funções e também quanto ao número e dimensões dos cômodos.

Esses variados programas residenciais de classe média procuraram se adaptar às novas expectativas programáticas. Desta maneira, sempre que possível, eram previstas entradas social e de serviço independentes; surgiam pequenos vestíbulos de distribuição no térreo e no piso superior interligados por escada interna; a sala de visitas era independente da sala de jantar; as áreas de repouso localizadas no andar superior do sobrado; e a copa, a cozinha, o quarto e o sanitário da criada eram posicionados na porção do fundo da casa de modo a criar uma zona de serviço.

Com a progressiva expansão do serviço público de distribuição de água encanada, as instalações sanitárias e de banho puderam ser paulatinamente incorporadas à edificação, proporcionando maior conforto e sensíveis melhorias nas condições higiênicas das habitações. Nas casas de classe média, essas áreas e a cozinha apareciam sistematicamente próximas umas das outras, devido principalmente ao alto custo das tubulações hidráulicas, que ainda eram importadas, o que caracterizava quase uma dependência programática do período.

A introdução da copa nas casas de classe média foi outra novidade surgida nos anos 1920 (LEMOS, 1978). Originada nos programas diversificados dos palacetes, a copa apareceu nessas residências como um espaço de convivência doméstica; era o local no qual a família se reunia de maneira informal para fazer as refeições do dia, substituindo de certa forma as funções de estar da antiga varanda. Situada sempre junto à cozinha, a copa configurava-se como um cômodo de transição entre a zona social e a de serviço. A edícula apareceu nos programas de algumas residências, sobretudo nas de classe média alta, como opção para abrigar numa mesma edificação a garagem, o depósito, o quarto de empregada, o sanitário, o tanque e, ocasionalmente, o quarto de engomar. Comumente localizada no fundo do quintal, a edícula sempre se configurou numa construção auxiliar, independente da casa principal.

No entanto, o principal fator de distinção da arquitetura residencial paulistana de classe média no Entreguerras vai se concentrar na sua feição estilística. O desejo predominante de modernização em todos os aspectos da vida cotidiana e a crescente ascendência cultural norte-americana, por via do cinema e das revistas femininas e de variedades, influíram de modo significativo nas escolhas arquitetônicas que foram feitas nos anos 1920 e 1930 em São Paulo.

Na época, foi frequente a apropriação seletiva e a combinação livre de elementos do repertório do neocolonial (AMARAL, 1994) em suas duas vertentes: a luso-brasileira e a hispano-americana, também conhecida como estilo Missões; do chamado neocolonial simplificado, inspirado nas criações do arquiteto francês Victor Dubugras⁴; do *art déco* (CAMPOS, 1996 e 2003), em todas as suas correntes formais; somadas ao uso de estilemas do ecletismo historicista; em conjunto com criações personalistas, na

4. Uma importante referência desse período foi o conjunto das obras realizadas pelo arquiteto Victor Dubugras, que serviu de modelo para inúmeras manifestações arquitetônicas residenciais de classe média. Os estilemas criados por Dubugras ao longo da sua carreira, principalmente os empregados nos pousos, no monumento do Piques e nas inúmeras residências projetadas por ele, foram amplamente incorporados, copiados e recriados na arquitetura popular paulistana do período. No estudo foi usada a denominação genérica neocolonial Simplificado para caracterizar essas edificações de classe média que apresentavam similitudes que permitiam classificá-las dentro de um mesmo grupo estilístico. O termo neocolonial simplificado foi usado pela primeira vez pelo arquiteto e professor Carlos A. C. Lemos em seu livro *Alvenaria Burguesa* para explicar e caracterizar uma parcela da produção arquitetônica paulistana de classe média dos anos 1920 que, segundo ele, apresentava uma identidade própria.

composição única de manifestações arquitetônicas residenciais de cunho popular. Ocorreram, até, expressões modernistas isoladas, como as casas do arquiteto russo Gregori Warchavchik. O clima de perplexidade e de indefinições do pós-Primeira Guerra, juntamente com a vontade explícita de renegar tudo que lembrasse o passado imediato, favoreceram o desenvolvimento de uma mentalidade mais receptiva a liberdades de expressão, antes nunca pensadas ou experimentadas.

Naquele momento, a arquitetura residencial de classe média, como uma manifestação de caráter cultural, refletiu com clareza as alterações pelas quais estava passando a sociedade paulistana. Todas as dúvidas e inseguranças reinantes aparecem refletidas nas opções estilísticas derivadas de cópias, recriações e de sincretismos arquitetônicos da classe média, que se sentiu capacitada a escolher e a imaginar uma arquitetura que revelasse a predominância de seu gosto num acervo estilístico próprio. Essas tipologias arquitetônicas residenciais ocorreram com intensidade variável em São Paulo até o final da Segunda Guerra Mundial. A partir de então, surgiram outras condições sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que motivaram o aparecimento de uma arquitetura residencial determinada, sobretudo, por novos gostos, novas expectativas - a arquitetura moderna

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy (coord.). *Arquitetura neocolonial América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Fundação Memorial da América latina, 1994.

BONDUKI, Nabil e KOURY, Ana Paula. *Os pioneiros da habitação social: Cem anos de política pública no Brasil*. São Paulo: UNESP / SESC, 2014.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981

CAMPOS, Victor Baptista. *O art-decô na arquitetura paulistana. Uma outra face do moderno*. São Paulo: FAU/USP, 1996.

_____. *O art decô e a construção do imaginário moderno: um estudo da linguagem arquitetônica*. São Paulo: FAU/USP, 2003.

D'ALAMBERT, Clara Correia. *Manifestações da Arquitetura Residencial ente as Guerras*. São Paulo: FAU/USP, 2003.

FABRIS, Annateresa. *O ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel / Edusp, 1987.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da*

elite cafeeira 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMOS, Carlos. Arquitetura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos / EDUSP, 1979.

----- . Alvenaria Burguesa. São Paulo: Editora Nobel, 1985.

----- . Cozinhas etc. São Paulo: Perspectiva, 1978

MORSE, Richard. De comunidade a Metrópole. Biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1978

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1998.

Arquivo Geral da Prefeitura de São Paulo

Arquivo Histórico Washington Luis da Cidade de São Paulo